

Masculinidade: queremos conversar sobre isso!

Uma proposta curricular para graduações de Teologia

*Lilia Dias Marianno**

RESUMO

Este ensaio é fruto de discussões sobre masculinidade em grupos de alunos especificamente de graduações de teologia. Muitas questões pontuadas estão presentes em diversas matérias desta edição de *Mandrágora*, mostrando que a temática realmente interessa aos grupos de homens, em especial aos futuros sacerdotes religiosos. As pontuações feitas pelos alunos representam também o desejo de que tais debates continuem e que venham a fazer parte da estrutura curricular de ensino teológico.

Palavras-chave: Masculinidade; Debate; Liderança eclesiástica; Conflitos; Pautas de gênero.

Masculinity – we want to talk about it! A proposal for the curriculum of undergraduate theology programs

ABSTRACT

This essay is a result of discussions about masculinity in student groups, especially of graduate students of theology. Many questions

* Teóloga batista e pesquisadora da área bíblica, leciona disciplinas de especialização em Antigo Testamento e Gênero em cursos de graduação e pós-graduação de Teologia, Missiologia e Educação Cristã. Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Rio de Janeiro e mestranda em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, assessora as revistas *Estudos Bíblicos e Ribla – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. E-mail: Lilia.marianno@terra.com.br.

pointed out here are present in several articles and essays of this edition, showing that the theme really is of interest to groups of men, specifically future priests. The considerations raised by the students also represent the desire that such discussions may continue and make part of the theological curriculum.

Keywords: Masculinity; Discussion; Church leadership; Conflicts; Appointments of gender.

Masculinidad: queremos hablar sobre eso! Una propuesta curricular para graduaciones de teología

RESUMEN

Este ensayo es fruto de discusiones sobre masculinidad entre grupos de estudiantes específicamente de graduaciones de teología. Muchas cuestiones apuntadas están presentes en diversas materias de ésta edición, mostrando que la temática realmente interesa a los grupos de hombres; en específico, hombres que han de ser clérigos. Los apuntes hechos por los estudiantes representan también el deseo que estos debates vengán componer parte de la estructura curricular de la enseñanza de Teología.

Palabras clave: Masculinidad; Debate; Liderazgo eclesiástico; Conflictos; Pautas de género.

Introdução: conversas de corredor¹

Dois alunos homens e uma professora, sentados à mesa desfrutando uma saborosa sopa de inhame com carne preparada na cantina da faculdade. O assunto rompe como uma bomba. Um dos alunos que tomava a sopa, o qual chamaremos de Inácio, estava em situação de pânico total. Mais três

¹ As experiências aqui narradas são verídicas e sua publicação foi autorizada pelos alunos que foram nossos interlocutores. Os nomes e locais foram modificados para preservação dos mesmos.

colegas de turma chegaram caçoando de seu estado de pânico. A professora quis saber do que se tratava e, estarrecida, tomou conhecimento da seguinte situação.

Inácio tinha dois filhos pré-adolescentes. Seis meses antes sua esposa tinha dado a luz a mais duas crianças, gêmeas, meninas, lindas. Mas agora, seis meses depois, Inácio carregava em sua pasta o resultado de um novo exame de gravidez de sua esposa. Ele não tivera coragem de abrir, levaria para sua esposa abrir em casa.

Quando a professora perguntou por que ele não tivera coragem de abrir, Inácio desabafou, como se desaguasse um rio de tensão: quando sua esposa ficou grávida das gêmeas, fizeram exames em Inácio e constataram sua propensão à paternidade de gêmeos. O resultado era realmente apavorante, Inácio tinha 95% de chances de, numa próxima gestação, gerar gêmeos triplos ou quádruplos. Por isso havia feito vasectomia durante a gestação das gêmeas, mas seu médico não o esclarecera sobre o tempo que leva para zerar a contagem do espermograma. Ou seja, o resultado daquele exame, caso positivo, possivelmente faria com que, em menos de um ano, Inácio se tornasse pai de oito filhos, sem qualquer chance de planejamento econômico familiar...

Agostinho procura sua orientadora em tremenda frustração. Queria mudar o tema de sua monografia de conclusão de curso. Queria fazer um estudo sobre masculinidade no caso de Saul e da pitonisa de En-Dor (1 Sam, 28), mas fatos recentes em sua comunidade eclesial abalaram profundamente. Devido a dificuldades financeiras, Ele passara o ano inteiro sem dar o dízimo. No final do ano, o líder se sua comunidade cortara sua bolsa de estudos e o destituiu de todas as suas responsabilidades eclesiais. Agostinho falou: "Eu me sinto como se nada do que eu fizesse tivesse importância e meu valor dentro da comunidade fosse medido pelo dinheiro que eu tenho que dar. Se estou desempregado, não contribuo financeiramente, sou um ninguém para a Igreja".

Tomás estava desempregado havia dois anos. Gostava de uma moça que conhecera na faculdade teológica, mas ela era uma mulher totalmente autônoma. Dentista, com situação econômica estável, dona de seu próprio consultório. Depois

que terminaram a faculdade de teologia, começaram a namorar e Tomás vivia se perguntando: "como é que vou casar sem ter um emprego. Ser dependente de minha mulher? Nunca!" Apavorava-o mais ainda a idéia de que sua futura esposa não dependesse dele social e financeiramente para nada. O tempo passou e por fim Tomás tomou coragem. Casou-se com a mulher que amava, ainda em situação insegura profissionalmente. Havia conseguido um contrato temporário; depois o contrato se renovou e continuou se renovando. Tiveram uma linda filhinha e Tomás agora está trabalhando muito (ainda no mesmo emprego), mas feliz com sua esposa e filha. Eles têm sua casa própria que puderam adquirir graças, inicialmente, em grande parte, à estabilidade econômica da mulher. Hoje Tomás está cursando outra graduação para tornar-se professor de história e, mesmo com um salário menor que o atual, poder trabalhar menos horas e passar mais tempo com sua família.

Em sala de aula se discutia a ética da Igreja com relação aos homossexuais. A professora falava da gravidade da não-inclusão do sujeito religioso homossexual por questão de preconceito. Atanásio, um dos alunos reportou o seguinte fato: Bernardo, um jovem homossexual, que morava na rua de sua comunidade eclesial havia vivenciado recentemente o falecimento de sua mãe. Entrara em depressão. Depois de muitas tentativas de se recuperar sozinho de seu abalo emocional, resolvera pedir a visita dos membros da igreja de seu bairro para fazerem reuniões de estudo da Bíblia em sua casa. Talvez assim ele pudesse encontrar um novo rumo para sua vida.

O líder da comunidade não sabia o que fazer com o convite. Afinal, o vizinho da igreja era conhecido na rua por um nome feminino, ninguém sabia seu verdadeiro nome. O assunto foi levado para a comunidade, que ficou contente com a oportunidade de ter mais uma pessoa integrada. Mas... ficou para ser acordado depois como e quando fazer. Passaram-se meses, o grupo nunca visitou Bernardo. Um belo dia Atanásio perguntou por que o pedido de Bernardo nunca fora aceito. A resposta que encontrou foi a seguinte: "como iríamos anunciar reuniões de estudo da Bíblia na casa de um gay que, se divulgássemos o nome

masculino dele, ninguém saberia de quem se tratava? E se o citássemos pelo nome conhecido, nome de mulher, iríamos ser alvo de zombaria de toda a vizinhança!”

Jerônimo, narrou outro fato. Uma linda jovem recentemente se agregara à comunidade eclesiástica onde ele trabalhava. Depois de bastante tempo, a comunidade insistia em batizar a jovem para que ela pudesse tornar-se membro efetivo do grupo. No dia do batismo deveria ser registrada em ata a entrada deste novo membro da comunidade. Ao solicitar a carteira de identidade da jovem para registro correto do nome e da filiação na ata da igreja, o líder eclesiástico teve um choque: *ela* não era ela! Era *ele*! Tratava-se de uma pessoa cujo registro civil se dera com o nome masculino porque, no nascimento, possuía um pênis, mas, durante o desenvolvimento na infância, constatara-se a presença, nele, de útero e ovários. Era hermafrodita, registrada como homem, mas com toda a estrutura biológica feminina. O líder eclesiástico, sentindo-se insultado, disse que não realizaria o batismo porque fora enganado por um travesti!

Seria cômico se não fosse trágico. Todos os fatos narrados são verídicos, embora ligeiramente adaptados e resumidos para a abordagem que pretendemos fazer. São conversas de corredores e sala de aula que tive oportunidade de presenciar, outras vezes promover. Todas ocorridas em faculdades de teologia protestantes em diversos lugares do Rio de Janeiro. Todas também estão aqui publicadas com o consentimento dos alunos que reportaram os fatos ou participaram dos eventos. Obviamente os personagens da História da Igreja que emprestaram seus nomes aos meus alunos não devem estar muito satisfeitos comigo, mas eu não quis colocar nomes contemporâneos para evitar associações indevidas. Além disso, fui muito provocada pela matéria de Carlos Calvani na presente edição da revista *Mandrágora*.

1. Questões de gênero e masculinidade que afloram no estudo da teologia

Este assunto é totalmente novo em faculdades de teologia protestantes e evangélicas no Rio de Janeiro. Introduzimos a disciplina de Estudos de

Gênero como eletiva na graduação de teologia pela primeira vez em 2005. A ementa era direcionada para compreensão da interpretação bíblica realizada pelas hermenêuticas de gênero. Para isso fez-se necessária uma análise das teologias feminista e gay, de suas hermenêuticas bíblicas para, enfim, se entender a construção de uma teologia/hermenêutica bíblica de masculinidade.

A ementa empolgou a tantos que muitos alunos que já não necessitavam da disciplina para a contagem de créditos resolveram se matricular. Nunca tivemos tantos alunos numa turma naquela instituição. No ano seguinte, em outra instituição, o mesmo interesse. Até ex-alunos da instituição, já graduados, pediram autorização à coordenação do curso para se matricularem na tal disciplina. Em algum lugar da periferia do Rio de Janeiro, em faculdades de teologia de origem confessional vinculadas à igreja local, alunos de teologia discutiam gênero.

Obviamente, toda novidade tem seus riscos, que não são tão previsíveis assim, mas a experiência foi muito gratificante para todos. Os alunos pediram que se criasse Estudos de Gênero II para continuar o debate que ficou inconcluso tantas vezes por falta de tempo maior para discussão. Os pontos que passo a apresentar são resultados do debate realizado pelos alunos de duas instituições entre 2005 e 2006.

2. A mudança do perfil do homem brasileiro

Sem sombra de dúvida, o nó da questão ainda é a construção sócio-simbólica da masculinidade e a impossibilidade prática dos homens pós-modernos de atenderem às demandas desta construção. Esta temática foi muito bem trabalhada nesta edição nas matérias de Sandra Souza, Miriam Grossi, Adilson Schultz, Francisco Archila e Fernanda Lemos.

Em classe, a questão do perfil masculino foi arduamente debatida². O que era ser homem

² Na ocasião, dispúnhamos das seguintes obras de leitura básica para a discussão deste tema: SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem. Discursos sobre a masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. In: STRÖHER, Marga (org.). *A flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Cebi/EST/

cinquenta anos atrás, vinte anos atrás e agora. Os valores que cercavam o personagem masculino há meio século, na atualidade estão, basicamente, dissolvidos. Entretanto, internamente os homens continuam sentindo a cobrança para corresponder ao perfil antigo, mesmo que este perfil já não seja tão representativo em nossos dias. A pressão da construção social ainda está implícita em todo o processo. Os alunos sentem necessidade de falar sobre isso, principalmente pelo fato de, em suas comunidades eclesiais, lhes ser cobrado o perfil antigo de masculinidade. É o eterno conflito entre a ética viável e a força do dogmatismo religioso institucionalizado.

A mutação astronômica que vem acontecendo na sociedade, alterando tanto o papel da mulher quanto o do homem, e a rapidez com que ela se dá impedem que as pessoas elaborem e assimilem a mutação. Antes que se tenha condições de compreender a demanda hodierna, a sociedade tem que funcionar como quem está pronta para atendê-la. Isto é, nós todos, homens e mulheres, não estamos preparados para lidar com a velocidade destas mudanças e nem temos tempo para nos preparar para tal. Mas temos que nos adaptar rapidamente às novas demandas.

Miriam Grossi levantou a questão de forma muito perspicaz nesta edição, quando colocou em cheque a questão "masculinidades em crise". Ao mesmo tempo em que se afirma a crise de identidade do homem contemporâneo, verifica-se também uma adaptabilidade por demais rápida aos novos padrões de vida exigidos pela pós-modernidade, não dando tempo ao homem brasileiro pós-moderno de sequer tomar consciência

de sua crise. É mais urgente estar adaptado. Isso se verifica, por exemplo, na grande quantidade de pais solteiros que tenho conhecido ultimamente, que assumiram repentina e integralmente a função pai/mãe (também levantada por Grossi), por falecimento, separação conjugal ou abandono da casa realizado pela mulher³.

Há ainda outros casos que verifiquei de várias uniões conjugais serem estabelecidas, mas as mulheres não terem vontade de ser mães. Por insistência do homem, crianças são geradas e depois as mães, não querendo assumir suas funções, se separam dos maridos, deixando-os sozinhos com o cuidado de bebês muito novos.

Ao contrário de algo imaginado tempos atrás, quando os homens fugiam da responsabilidade da paternidade, é muito interessante a forma como cresce o interesse pela paternidade, principalmente entre os homens na faixa etária dos trinta anos. Segundo três amigos com quem conversei, trata-se da "crise dos trinta", na qual o homem solteiro constata estar virando uma faixa etária na vida sem ter construído absolutamente nada. A paternidade e a constituição de uma família transformam-se basicamente em necessidade primária, constitutiva da identidade masculina na nova geração na qual este mesmo homem ingressa.

Os estudantes de teologia com os quais lidei, futuros líderes eclesiais, confessaram estar muito pouco preparados para prestar assistência religiosa ou cuidado pastoral a pessoas que passam por circunstâncias parecidas, sem levar o discurso para o lado do dogmatismo eclesial e da interpretação fundamentalista do texto bíblico. Sentiram necessidade de se estudarem as questões sob a ótica da sociologia e da antropologia, a fim de prestarem assistência mais adequada às pessoas, ao indivíduo de forma íntegra, desvinculando-se da

Sinodal. 2004. p. 169-193. – ARCHILA, Francisco Reyes. La masculinidad como una construcción socio-simbólica y principios hermenéuticos para un acercamiento teológico a la masculinidad. In: Otra masculinidad posible: un acercamiento bíblico-teológico. *Quaestiones*, Bogotá, n. 5, p. 17-72. – MENDEZ, Luis Bonino. *Desconstruyendo la "normalidad" masculina*: apuntes para una "psicopatología de género masculino". Disponível em: <<http://www.hombresigualdad.com/htm>>. Acesso em: 04 nov. 2004. – KURCBARD, Victor. *Los hombres y la masculinidad también se ven (nos vemos) afectados*. Disponível em: <<http://www.hombresigualdad.com/htm>>. Acesso em: 04 nov. 2004.

³ Por recomendação de um amigo, fiz uma assinatura em um site de relacionamentos muito conhecido em nosso país. Visitei cerca de 2.500 perfis masculinos, no período de 15/06 a 15/08/2006, homens entre 30 e 52 anos de idade, heterossexuais, residentes na cidade do Rio de Janeiro, pertencentes a todos os segmentos religiosos e finalmente concluí que os dados dos perfis endossam muitos dos aspectos levantados nas pesquisas sobre masculinidade desta edição de *Mandrágora*.

ortodoxia social contida no texto bíblico, pois ela já não atende a todas as demandas provocadas pela sociedade contemporâneas.

3. A estabilização do espaço da mulher desestabilizando o espaço do homem

Ao mesmo tempo em que a reconquista⁴ do espaço feminino é fruto de muita luta e militância e tem assegurado gradativamente mais justiça nas relações de gênero, como bem demonstra Sandra Duarte no primeiro artigo desta edição, em muitos aspectos ela tem provocado um abalo na concepção de masculinidade imposta pelo imaginário social e por seus referenciais simbólicos, como também exemplificou Francisco Archila nesta edição.

A “família ideal” da sociedade do início do século XX, na qual o pai se sentava à mesa para comer o jantar junto com sua esposa e seus filhos, na qual a mulher não tinha necessidade de trabalhar fora para suprir a família financeiramente, na qual os divórcios eram escassos, quase inexistentes, essa família idealizada desapareceu da civilização contemporânea e metropolitana. Isto também foi muito bem analisado por Miriam Grossi.

Esta realidade ainda pode ser encontrada, e escassamente, no interior do país. Desemprego em massa tem levado um número cada vez maior de mulheres ao mercado de trabalho e um sem-número de famílias só tem subsistido graças à força de trabalho da mulher. Todavia, este fato abala o referencial social de masculinidade.

Os alunos de teologia reconheceram que a instituição eclesiástica, que sempre funcionou de maneira androcêntrica e reguladora da vida familiar, encontra-se sem autoridade para continuar seu discurso sobre funcionamento da hierarquia fa-

miliar das “tábuas domésticas”⁵. Todavia, ao invés de se tentar tornar o discurso coerente com o momento cultural que vivemos, há uma volta desenfreada ao legalismo religioso, como que a buscar desesperadamente a identidade que se está perdendo e já não tem mais como ser recuperada. Diga-se, de passagem, que todo fundamentalismo e extremismo religioso acaba acontecendo em momentos em que a identidade religiosa de um grupo está sendo profundamente abalada⁶.

4. O individualismo e o isolamento como referenciais pós-modernos

A pós-modernidade tem apresentado alguns traços inegáveis na sociedade contemporânea. Um deles é o individualismo e a busca do outro para suprir seus próprios interesses acima dos interesses da coletividade. Associado ao isolamento, o individualismo provoca o afastamento das pessoas. Conseqüentemente a interação dos grupos humanos se torna menor e o autoconhecimento que se promove, através da vivência em coletividade, tende a ser menos rigoroso, justamente pela ausência da crítica do grupo. Neste isolamento, a capacidade contemplativa deformou-se, gerando um voyeurismo nocivo que muitas vezes nos leva a testemunhar uma tragédia sem que tomemos qualquer atitude para acudi-la.

No isolamento, as pessoas se conhecem menos, ficam mais introvertidas e menos flexíveis a mudanças, num tempo que exige constante mutação. Isto se dá muito nas questões de masculinidade. Introvertendo-se, os homens têm se sentido na obrigação de corresponder ao antigo padrão social. Schultz tocou neste assunto quando tratou da crise de Riobaldo em sua paixão pelo(a) companheiro(a) Diadorim – o grito mudo do macho, traído

⁴ Utilizo a expressão reconquista em vez de conquista porque nas pesquisas da literatura do Antigo Oriente se verifica uma proeminência feminina muito grande, em ambientes familiares e religiosos em civilizações mais antigas do que as que se verificam no texto bíblico. O patriarcalismo e o androcentrismo teriam sido mais tardios que o matriarcalismo e o ginocentrismo. O interessante texto de Savina Teubal, por exemplo, mostra a expressiva liderança religiosa exercida dentro do clã por mulheres da Mesopotâmia, de onde se originaram as matriarcas de Israel: Sara, Rebeca, Raquel e Lia (Teubal, 2000, p. 259-275).

⁵ A expressão “tábua doméstica” é utilizada pelos teólogos da área bíblica para se referir aos princípios de hierarquia nos relacionamentos familiares estabelecidos por textos de diversas epístolas do Novo Testamento.

⁶ Toco nesta questão de crise de identidade versus legalismo religioso em minha dissertação de mestrado, publicada de forma resumida e de mais fácil acesso em artigo que publiquei na *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (Marianno, 2004, p. 44-55).

em sua masculinidade por suas emoções, a introversão dando seu grito.

Mas o isolamento leva-os também a se conhecerem cada vez menos e conviver com seus conflitos internos de forma acomodada sem que haja necessidade de solucioná-los. Contudo, como o mundo continua girando e a sociedade mutante exigindo transformações nestas áreas também, muitos homens estão confusos quanto às suas identidades e perdidos quanto à forma de solucionar seus conflitos.

Incrivelmente grande tem sido o número de famílias que andam sendo desfeitas porque o pai da família ou o "homem da casa" de repente se descobriu *gay*! Ou de homens heterossexuais que de uma hora para outra se declaram *gays*. Esse é o tipo de situação que não acontece subitamente, mas pode ser o fruto deste autoconhecimento deficiente.

Carlos Calvani e David Knowlton trataram de forma muito competente, nesta edição, as questões sobre homossexualidade, mostrando-nos como a instituição eclesiástica se encontra completamente perdida em relação aos direitos adquiridos por grupos sociais diversificados, especialmente os *gays*, e também despreparada para lidar com eles.

5. As dificuldades dos homens com as relações de afetividade e sexualidade

Recentemente ouvi no sermão de uma proeminente comunidade eclesiástica de segmento protestante a seguinte declaração, feita por um palestrante que ficara horrorizado com as palavras de um *banner* ("sou cristão e sou *gay*") que identificava uma das igrejas cristãs inclusivas que têm sido fundadas no Brasil: "Se você é homossexual e entrou em nossa igreja e quer mudar de vida, você será ajudado, mas, se não quer mudar de vida, aqui não é seu lugar, porque não vamos negociar este ponto. Homossexualidade é doença! Você precisa ser tratado".

Afirmações legalistas, excludentes, contrárias aos princípios de inclusão do evangelho e, como se isso não fosse suficiente, contrárias ao novo código civil brasileiro continuam sendo proferidas dos púlpitos de comunidades eclesiásticas de forma totalmente inconseqüente. Recentemente um grupo

gay preparou um documento de denúncia judicial contra um pastor e sua esposa, que, de forma muito mais branda do que a que reportamos acima, relataram que homossexualidade é doença. O engajamento e a articulação política e social de *gays* religiosos e majoritariamente cristãos são impressionantes, apresentando-nos modelos de atitudes inclusivas e indignação com a injustiça social que deveriam ser cooptados pelos demais segmentos cristãos⁷.

Os estudantes de teologia confessaram o risco garantido que eles mesmos correm de serem banidos de suas igrejas, das faculdades de teologia, de suas ordens religiosas e funções eclesiásticas, caso adotem uma política mais inclusiva em suas igrejas. Mencionamos na introdução deste ensaio dois casos verídicos chocantes reportados por eles, e infelizmente tão reais, ocorridos na amostragem de uma pequena turma estudantes, e de apenas uma das instituições de ensino teológico protestantes do Rio de Janeiro, onde leciono. Como seria a amostragem caso fizéssemos uma pesquisa em toda a instituição? Ou em todas as instituições?⁸

A afetividade foi um ponto muito incômodo e muito discutido. Em classe os alunos sempre têm se manifestado sobre este aspecto. Os homens querem falar do que sentem, mas na maioria das vezes não conseguem. Rodinhas clássicas de encontros de homens como o futebol, o boteco, o jogo de cartas servem para espaços para extravasar as pressões do dia-a-dia, mas não para resolvê-las. Nestes espaços os homens não comentam sobre seus problemas, não compartilham seus conflitos, suas dúvidas e ansiedades. Ao contrário, mostram-se alegres, descontraídos, fortes, sem fragilidades.

⁷ Fui incluída por pastores da ICM em grupos de discussão que circulam pela internet entre os integrantes das igrejas inclusivas já implantadas no Brasil. Impressionou-me o nível de espiritualidade e a solidariedade entre os membros da comunidade que se verifica no relacionamento eletrônico e também com o ambiente onde as comunidades estão localizadas. O trabalho de pastoral com prostitutas de rua me deixou comovida. Temos muito o que aprender com eles.

⁸ Neste ponto devemos mencionar as importantes pesquisas sobre inclusão de homossexuais feitas pelo teólogo luterano André Musskopf, que serviram de base para nossas discussões em classe e se encontram mencionadas na bibliografia deste ensaio.

Demonstrar fragilidade ainda está no imaginário masculino como "coisa de mulher". Neste ponto Sócrates Nolasco definiu muito bem, nesta edição, a situação do terror masculino, o medo de demonstrar sensibilidade, amor, expressar emotividade. Miriam Grossi e Adilson Schultz também trabalharam a questão em suas matérias.

Um dos alunos de teologia confessou abertamente diante de todo o grupo que, quando chega em casa, após o trabalho ou após as aulas da faculdade de teologia, ele necessita sentar-se à frente da televisão para desligar-se do mundo. Neste momento ele não estará assistindo tevê como se espera. Muito provavelmente, se for argüido sobre o conteúdo da programação que assiste, ele nem saberá falar o que está acontecendo. Nas suas palavras ele afirmou ter necessidade e "direito àquele momento de ócio" e que, quando isso não é aceito por sua esposa, que fica "tagarelado no ouvido dele neste momento", ele se sente tremendamente angustiado, numa espécie de assédio emocional.

Partindo da constatação geral dos alunos de que esse é quase um comportamento-padrão dos homens brasileiros, chefes de família, começamos a discussão sobre o que representa para o homem aquele momento diante da televisão. Após o depoimento de vários alunos, chegou-se à conclusão de que, durante o dia, nas muitas pressões que o homem enfrenta, ele se sente apavorado por não conseguir resolvê-las. A sociedade cobra muitas soluções dos homens que eles não têm condições de atender. Os alunos confessaram abertamente que as mulheres são mais rápidas e mais práticas para resolver um sem-número de questões que são exigidas do homem. Diante do pavor que os homens sentem por não conseguirem chegar a estas conclusões ou soluções com tamanha rapidez e por terem, em geral, processos de elaboração muito mais lentos, eles necessitam deste quase solene momento de "entrar em *off*" em relação ao mundo e a todas as questões que os incomodam, sem ter que resolvê-las. É o momento no qual se tem a impressão que os "problemas sem fim" simplesmente acabaram. É um momento quase terapêutico quando o fracasso diário é esquecido. Mesmo sabendo que no dia seguinte enfrentarão tudo novamente.

Os homens continuam se mutilando em seus direitos de se confessarem fracos de vez em quando, chorar, ter dúvidas, medos, anseios e inseguranças. Falar disso é extremamente difícil. Isto faz com que os homens acabem ganhando certos estigmas sexistas, como o de pessoas que não se resolvem, insensíveis, sem emoções etc., como bem mencionaram Francisco Archila e Adilson Schultz. Normalmente os homens que lidam com estas angústias de forma mais tranqüila e declarada são justamente os homossexuais. Nestes grupos raramente encontramos quem tenha dificuldade de falar de suas dúvidas, anseios, sentimentos feridos e inseguranças. Curiosamente, homossexuais apaixonados, por exemplo, têm muito mais facilidade de declarar seu amor e suas emoções pelos parceiros do que os homens heterossexuais por suas parceiras.

A ojeriza que os homens heterossexuais sentem por homossexuais também foi discutida. Comentou-se que o que incomoda é a homossexualidade visível, ou seja, aquela percebida por andares, olhares e vozes dos *gays*. Quando foi mencionado que esta homossexualidade visível é pequena, comparada à invisível, ou seja, aquela que está presente no dia-a-dia, o tempo inteiro, entre nós, e que só quem sabe o quão presente ela está são os próprios *gays* que se reconhecem imediatamente numa incrível sensibilidade, houve um grande desconforto entre os alunos.

A interessante justificativa encontrada foi de que apenas o visível incomoda os homens, por espelhar a possibilidade de uma desconstrução do modelo hegemônico de masculinidade, que sobrevive marginal, mas que consegue se impor e não se submete aos valores impostos pelo imaginário social, que tanto pressiona os homens. Em outras palavras, é uma espécie de rancor por homossexuais conseguirem ser libertos no aspecto afetivo-emocional, mesmo que isso lhes custe segregação e marginalização. Uma coragem que os heterossexuais não têm de romper com a sociedade com esta força.

Tocou-se também no seguinte ponto: por que os homens são muito mais tolerantes com a visibilidade de relacionamentos lésbicos do que de homens homossexuais? A conclusão que se chegou

na discussão é que o relacionamento lésbico, por mais que esteja numa categoria semelhante, de relação homoerótica, isto é, entre pessoas do mesmo gênero, acaba fazendo parte do fetiche masculino, é provocativo e exerce efeito sobre a libido. Na pesquisa eletrônica mencionada na nota número 3 deste ensaio, alguns homens declararam até mesmo gostar de relacionar-se sexualmente com duas mulheres, mas que jamais admitiriam ver suas parceiras numa relação com dois homens.

Os alunos de teologia confessaram a extrema dificuldade de lidar com assuntos sobre sexualidade quando são argüidos por seus paroquianos. Constataram a necessidade de se criarem dentro da igreja e da academia teológica espaços abertos para discussão destas temáticas. Não espaços para fechar questões, mas espécies de refúgios onde se possa falar sobre isso e até extravasar as frustrações num ambiente de relativa "aceitação", uma vez que todos pertencem ao mesmo grupo. Mas confessaram também que qualquer tentativa neste sentido ainda será rechaçada e alvo de muitas críticas.

Nas pesquisas mencionadas na nota 3 deste ensaio, constatou-se outro ponto analisado por Miriam Grossi nesta edição: o romantismo masculino. Mesmo estando emaranhados pelo turbilhão das mudanças sociais, nas quais não é mais possível imaginar a "mulher ideal" como aquela mulher que continua em casa cuidando dos filhos e se preparando para o marido, os homens analisados continuam desenhando em seu imaginário a "mulher perfeita". Esta deve ser alguém que, de uma forma ou de outra, ainda apresenta tais características. Mulheres muito emancipadas ainda encontram bastante dificuldade em serem plenamente aceitas no mundo masculino e muitas vezes em construir relacionamentos afetivos.

Há também a construção romântica do perfil da parceira ideal como aquela mulher quase desocupada que está sempre à disposição do homem para curtir com ele os momentos idílicos do seu imaginário. Muitos destes homens pesquisados, embora pertençam a uma geração mais nova, até se encaixam ainda no velho estigma do homem latino-americano de sentir-se dono da parceira. Alguns têm consciência disso, mas a grande maioria sequer tem consciência de que age deste modo. Quando

perguntados sobre a independência da mulher, foram taxativos em dizer que respeitam suas individualidades, mas nas entrelinhas do discurso constatou-se que a prática é completamente invertida.

Por exemplo, em pouquíssimos perfis encontrei a expressão "desejo encontrar uma mulher independente, batalhadora, que lute pela vida". A grande assertiva era "desejo encontrar uma mulher que queira me fazer feliz" ou então "uma companheira para dividir todos os momentos". Todos sabemos que, em tempos pós-modernos, uma parceria afetiva em que a mulher possa estar todos os momentos ao lado do homem é simplesmente impossível na prática. A presença desta afirmação nos perfis me fez pensar que não se trata apenas de uma força de expressão, mas sim de uma questão ainda não resolvida no imaginário masculino.

Os estudantes de teologia declararam que homens que expressam afetividade são vistos com desconfiança, perdem a credibilidade, principalmente se mostrarem isso diante dos amigos. Confessaram que este aspecto limita tremendamente sua prática pastoral, pois não conseguem expressar solidariedade com a dor das pessoas a quem prestam assistência. Neste ponto, a obra de André Muszkopf (2005b) defendendo a ordenação de gays ao ministério pastoral, aponta uma solução para esse conflito, embora toque incomodamente neste ponto nevrálgico.

Além disso, pelo que pude perceber na pesquisa, sem querer fazer disso uma afirmação é que, no imaginário masculino tem acontecido uma substituição da concepção dominante das últimas décadas, de "mulher perfeita = corpo escultural", pelo modelo "mulher perfeita = mãe". O *rush* mercadológico e sexual que apresenta o corpo da mulher como objeto de prazer masculino já não encontra respaldo nem mesmo pelo seu público-alvo. Isso se constata, por exemplo, na crescente criatividade que as agências de propaganda estão tendo que empregar para vender seus produtos sem utilizar apelo sexual nos comerciais, algo impossível duas décadas atrás, pois recentemente tais apelos têm chegado ao ponto de afastar o consumidor, tamanha a saturação do mercado⁹.

⁹ Analisei esta questão com os dados da pesquisa realizada pela Dove para lançamento de sua campanha publicitária

6. Uma proposta curricular

Acredito que, com este panorama (e nos demais artigos desta edição), conseguimos ter boa noção dos assuntos que afligem os homens estudantes de teologia. Nosso próximo passo é transformar estes assuntos em tópicos de uma proposta curricular para a disciplina de Estudos de Gênero - Masculinidade.

Por que graduações de teologia precisariam privilegiar estudos sobre masculinidade? Em primeiro lugar porque estudantes de teologia continuam sendo 80% homens. Um número reduzido de mulheres continua se matriculando nestes cursos. Mesmo nos segmentos onde já se admitem as mulheres em funções clericais, o número delas ainda é menor, se comparado ao número de homens.

Em segundo lugar porque, sempre que se fala em estudos de gênero, ainda se cai na questão levantada por Sandra Duarte no início desta edição de *Mandrágora*: a associação imediata com os estudos feministas. Estudos feministas são uma parte dos estudos de gênero, mas para haver discussão de gênero é preciso que haja a presença destes gêneros. Não há verdadeira discussão de gênero quando o enfoque é apenas *gay* ou feminista ou masculino. O debate de gênero precisa trazer a todos para a discussão. Enfoques diferenciados sobre um mesmo tema sem tornar a discussão androcêntrica, homocêntrica ou ginocêntrica.

Em terceiro lugar porque é a linha mais recente dos estudos de gênero e que necessita de um debate mais ampliado por ainda estar num estado embrionário em muitos aspectos e novos pontos estão constantemente sendo acrescentados à discussão. A teologia feminista já tem uma trajetória que beira quatro décadas. Nesta trajetória ela construiu-se e construiu uma história. Um levantamento do estado da questão da teologia feminista na América Latina, por exemplo, é um trabalho com resultados nitidamente delineados. Aspectos muito

definidos foram adentrando a temática de forma progressiva, sincronizados também com o próprio movimento feminista internacional¹⁰.

A teologia *queer* ou *gay* tornou-se mais nítida por estar seguindo a mesma trajetória percorrida pela teologia feminista. Ambas começaram com a militância dos movimentos, passaram pela fase da conquista dos direitos e espaços, da identificação com as demandas sociais e, finalmente, do levantamento de questões atuais para serem analisadas a partir deste enfoque. Progressos muito rápidos tem sido feitos nesta estrutura de análises. Entretanto, embora a teologia *gay* algumas vezes seja identificada como um braço de uma suposta teologia de masculinidade, esta última não se encontra totalmente delineada, em razão de vários fatores.

Certamente um deles é porque ela funciona no caminho inverso, como já foi sugerido em outra matéria nesta edição. Nunca houve necessidade de uma militância masculina na luta por seus direitos porque a sociedade, de forma geral, já é machista e androcêntrica. As questões de masculinidade têm-se tornado tão urgentes justamente pelo abalo progressivo do androcentrismo. No nível teórico, o androcentrismo ainda tem a mesma força que antes, mas as questões de ordem prática têm gradativamente solapado este centrismo masculino. Ele tem sido questionado e desconstruído a cada dia. Por isso a revisão dos papéis masculinos na sociedade é tão necessária.

Como proposta pedagógica, não queremos aqui fixar um currículo fechado. Inúmeras questões foram pontuadas nesta edição e servem para identificarmos os pontos nevrálgicos do debate. Os(as) docentes poderão colher dos tópicos dos ensaios desta edição muitas sugestões. Obviamente há que se verificar questões mais prementes dependendo da região onde ocorre o debate. As prioridades vão variar de acordo com o contexto. Por exemplo, questões sobre paternidade precisam ser discutidas num certo nível em regiões metropolitanas e num nível quase inverso em regiões interioranas ou mais próximas do campo, principalmente se os grupos de discussões forem compostos por leigos.

pela real beleza, em comunicação apresentada na IX Semana de Estudos de Religião da Universidade Metodista de São Paulo em outubro de 2005, com o título "A boa, a má e a feia: beleza e corporeidade femininas numa aproximação bíblico-teológica", falando do conceito de beleza feminina sob a ótica da mulher (Marianno, 2005).

¹⁰ Importante revisão é apresentada por Mary Ress (2002, p. 39-46).

Quando comecei escrever este ensaio, eu conhecia grupos de homens que discutiam masculinidade no sul do país e procurei-os para saber quais seriam os assuntos de que eles mais sentiam urgência na discussão, a fim de mencioná-los nesta proposta. Então constatei que os homens de lá já não conseguiam se reunir com frequência e que estavam parados nas discussões. Curiosamente, o local do país onde as discussões sobre masculinidade estavam mais avançadas era no nordeste do país! Infelizmente, não tive tempo hábil para um contato com o nordeste. Obviamente uma proposta curricular precisa contemplar todos os aspectos mais repetidos nesta edição.

Na bibliografia listo não apenas as obras utilizadas na graduação de teologia, mas também outros estudos a que pude ter acesso mais recentemente. O artigo de Miriam Grossi nos traz importante atualização de bibliografia que não deve ser dispensada. Foi preciso inserir alguns textos básicos sobre teologia e hermenêutica feminista e alguns sobre teologia e hermenêutica *queer*. Eles delimitam com mais nitidez categorias de gênero que precisam ser cooptadas nas análises sobre masculinidade. Alguns portais específicos sobre o assunto também foram adicionados.

O grande desafio para a disciplina é, através do debate acadêmico, gerar uma leitura de masculinidade que não seja androcêntrica. Levantar questões e valores masculinos sem fazer uma argumentação machista, mas, sim, que dialogue de igual para igual com os estudos de gênero já estabelecidos pelos estudos feministas e *queer*.

Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 95, 1996.
- ARCHILA, Francisco Reyes. La masculinidad como una construcción socio-simbólica y principios hermenéuticos para un acercamiento teológico a la masculinidad. In: Otra masculinidad posible: un acercamiento bíblico-teológico. *Quaestiones*. Bogotá, n. 5, p. 17-72.
- BRENNER, Athalya (org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 259-275.
- CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, a. 20, n. 2, p.185-206, jul./dez. 1995.
- FOULKES, Irene. Cómo leer la Biblia desde la perspectiva de género. In: Hermenéutica bíblica latinoamericana. Balances y perspectivas. *Quaestiones*. Bogotá, n.4, p. 103-117, dic.2002.
- GOLDENBERG, Miriam. Corpo e dominação masculina na cultura brasileira In: *Corpo*. São Paulo: Itaú Cultural, 2005, p. 119-26.
- GOLDENBERG, Miriam. A crise da masculinidade na mídia In: *Antropologia e comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 169-179.
- GOLDENBERG, Miriam. A outra: uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina In: *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 131-147.
- KURÇBARD, Victor. *Los hombres y la masculinidad también se ven (nos vemos) afectados*. Disponível em: <<http://www.hombresigualdad.com/htm>>. Acesso em: 04 nov. 2004.
- LEAL, Ondina e BOFF, Adriane. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p.119-135.
- LYRA, Jorge. *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC/SP, São Paulo, 1997.
- MARIANNO, Lilia Dias. A boa, a má e a feia: beleza e corporeidade femininas numa aproximação bíblico-teológica. In: IX SEMANA DE ESTUDOS DE RELIGIÃO, 10/2005. *Anais...* São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.
- _____. Os/as estrangeiros/as dizem: "Yahweh não nos excluirá de seu povo!" – Manifestos contra o imperialismo na teologia de reconstrução". *Ribla – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 48, p. 44-55, 2004.
- MEDRADO, Benedito. *O masculino na mídia*. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC/SP, São Paulo, 1997.
- MENDEZ, Luis Bonino. *Desconstruyendo la "normalidad" masculina: apuntes para una "psicopatología de género masculino"*. Disponível em: <<http://www.hombresigualdad.com/htm>>. Acesso em: 04 nov. 2004.
- MUSSKOPF, André Sidnei. Além do arco-íris: corpo e corporeidade a partir de 1 Co. 12, 12-27 com acercamentos do ponto de vista da teologia *gay*. Em: STRÖHER, Marga (org.). *À flor da pele*. São Leopoldo: Cebi / EST/ Sinodal, 2004. p. 139-167.

- _____. Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem *queer*. In: MUSSKOPF, André S. e STRÖHER, Marga (orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade*. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2005a. p. 80-107.
- _____. *Talar rosa: homossexuais e o ministério na Igreja*. São Leopoldo: Oikos, 2005b.
- NASCIMENTO, Pedro. "Ser homem ou nada": Diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe (PE). 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – UFPE, Recife, 1999.
- RESS, Mary Judith. História da teologia feminista na América Latina. Ecofeminismo: novas relações, nova terra, novos céus... *A Palavra na Vida*. São Leopoldo, n. 174, p. 39-46, 2002.
- SAMPAIO, Tânia Mara. Considerações sobre uma hermenêutica de gênero. *Ribla – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 37, p. 7-14, 2000/2003.
- SAMPAIO, Tânia Mara. Gênero e religião no espaço da produção do conhecimento: corporeidade sob o prisma do gênero, da etnia e classe. In: MUSSKOPF, André S. e STRÖHER, Marga (orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade*. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2005. p. 47-70.
- SCHULTZ, Adilson. *Isto é o meu corpo – e é corpo de homem*. Discursos sobre a masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. Em: STRÖHER, Marga (org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Cebi / EST / Sinodal, 2004. p. 169-193.
- TEUBAL, Savina. Sara e Agar: matriarcas e visionárias. In: BRENNER. Athalya (org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 259-275.

Sites

- Forum latino-americano: hombres por la igualdad. Delegación de salud y género.
[http:// www.hombresigualdad.com](http://www.hombresigualdad.com)
- Antropologia – Gênero e masculinidade
<http://www.artnet.com.br/~marko/firstp.html>
- Portal "Homens e masculinidades", a partir da perspectiva feminista e de gênero. <http://www.papai.org.br/>